



A REVOLUÇÃO ZAPATISTA CONTEMPORÂNEA: O LEVANTE DE 1994 NARRADO PELO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

THE CONTEMPORARY ZAPATISTA REVOLUTION: THE 1994 UPRISING NARRATED BY THE NEWSPAPER FOLHA DE SÃO PAULO

Matheus Leodoro Versati¹

RESUMO

No final do século XX, em 1994, acontecia na cidade do México aquele que veio a se tornar o maior levante armado indígena e que vive até os dias de hoje. Este levante que teve início em 1º de janeiro é considerado uma parte importante da história contemporânea do país e representa um marco fundamental na luta dos povos indígenas pelos seus direitos e por uma sociedade mais justa e mais equânime. Diante da relevância deste fato histórico, este artigo tem como objetivo principal analisar como o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) foi representado na imprensa brasileira, especificamente no periódico *Folha de São Paulo*, no ano de 1994, a fim de observar se as informações que publicavam sobre a Revolução Zapatista eram posições em defesa desse povo ou se reportavam os guerrilheiros de forma hostil e reacionária. Também, trazer a reflexão sobre a maneira como esses conflitos foram reportados no primeiro ano da Revolução, se eram divulgados como forma de instigar os leitores em relação a posição do governo mexicano ou em relação aos guerrilheiros indígenas. Este evento histórico merece ser investigado por oferecer uma importante contribuição à história da imprensa nacional e, sobretudo, aos debates sobre levantes populares, autonomia, violência exercida pelo Estado Mexicano contra os Zapatistas e, também, pelos estudos sobre as lutas por territórios, que têm relevante importância na América, entre os movimentos indígenas, e os Sem Terra, no Brasil. Para tanto, este trabalho se apoiou na abordagem historiográfica da Nova História Política.

Palavras-chave: Nova História Política; Revolução Zapatista; Guerra Civil; Imprensa brasileira.

ABSTRACT

At the end of the twentieth century, in 1994, what became the largest indigenous armed

¹ Graduando do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



uprising took place in Mexico City and that lives to this day. This uprising, which began on January 1, is considered an important part of the country's contemporary history and represents a fundamental milestone in the struggle of indigenous peoples for their rights and for a fairer and more equitable society. Given the relevance of this historical fact, the main objective of this article is to analyze how the EZLN (Zapatista Army of National Liberation) was represented in the Brazilian press, specifically in the periodical *Folha de São Paulo*, in 1994, in order to observe if the information they published about the Zapatista Revolution was in defense of this people or if they reported the guerrillas in a hostile and reactionary way. Also, to reflect on the way in which these conflicts were reported in the first year of the Revolution, whether they were publicized as a way to instigate readers in relation to the position of the Mexican government or in relation to the indigenous guerrillas. This historical event deserves to be investigated because it offers an important contribution to the history of the national press and, above all, to the debates on popular uprisings, autonomy, violence exercised by the Mexican State against the Zapatistas, and also for studies on the struggles for territories, which have relevant importance in America, between indigenous movements, and the Landless, in Brazil. To this end, this work was based on the historiographical approach of the New Political History.

Keywords: New Political History; Zapatista Revolution; Civil war; Brazilian press.

INTRODUÇÃO

A história é repleta de casos de levantes populares e conflitos por liberdade. Os massacres indígenas nas Américas, a Revolta de Canudos e a Greve de 1917 em São Paulo são exemplos que demonstram que o conflito de interesses dos povos e dos governos sempre esteve em meio à nossa história, porém, com o final do século XX este levante em defesa das florestas e liberdade dos povos indígenas se organiza em avanço contra o sistema econômico, contra o governo e o narcotráfico, que eram realizados em suas terras. Os extermínios sistemáticos se intensificariam contra os povos indígenas da região de Chiapas, transformando as concepções sobre a quem o governo Mexicano servia. Em 1994, O EZLN aproveitou a presença da TV mexicana em San Cristóbal após tomar 6 cidades para anunciar sua declaração de guerra: não haverá descanso. Não queremos o TLC (Tratado de Libre Comércio, nome do Nafta em espanhol). Queremos liberdade, disse um dos guerrilheiros (BRASIL DE FATO, 2023).

Em 1º de janeiro de 1994, o autodenominado Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), repentinamente e sem uma declaração prévia, inicia uma insurreição armada no estado de Chiapas, conhecida como levante zapatista. Uma vez realizadas as



ocupações, emitem a Primeira Declaração da Selva Lacandona, por meio da qual declaram guerra ao governo mexicano ao mesmo tempo em que pedem trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz (MARCOS, Subcomandante Insurgente, 2020).

No início de janeiro de 1995 o EZLN lança a Terceira Declaração da Selva Lacandona, em que propõe à sociedade a criação de um Movimento para a Libertação Nacional. Em meados do mês, o secretário do Governo, Esteban Moctezuma, reúne-se com uma delegação zapatista e juntos se comprometem a um cessar fogo estável e à reabertura do processo de solução política. Em fevereiro, durante três dias, realizou-se a terceira sessão da Convenção Nacional Democrática em Querétaro (MARCOS, Subcomandante Insurgente, 2020).

Já em 1996, conforme vinha ocorrendo em todos os anos desde sua insurreição armada, o EZLN lançou a Quarta Declaração da Selva Lacandona. Ela levantou a decisão do EZLN de ajudar a construir uma nova política, apartidária e que não lute pelo poder, independente, autônoma, pacífica, baseada no EZLN (MARCOS, Subcomandante Insurgente, 2020).

No dia 5 de janeiro, o subcomandante insurgente Marcos abandonou seu esconderijo na mata e viaja a San Cristóbal para participar do Fórum Nacional Especial de Cultura e Direitos Indígenas que se havia iniciado dois dias antes. No dia 10, encerrou-se o Fórum com a proposta de integrar uma nova organização que posteriormente seria conhecida como Congresso Nacional Indígena. O subcomandante Marcos apresenta sua postura perante a esquerda internacional como opositor de qualquer perspectiva de transformação por via dos modelos da Esquerda Institucional, ou seja, através do Estado, como ele mesmo declarou: "a esquerda institucional nada mais é que uma direita envergonhada" (MARCOS, Subcomandante Insurgente, 2020).

E o que a EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), reivindica nesta luta?

Suas reivindicações são: o fim da marginalização dos indígenas locais, descendentes dos maias; a extinção do NAFTA, o tratado de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá, visto por eles como exemplo de submissão ao poder americano; combater a corrupção na política local; e, atualmente, o fim do sistema econômico capitalista (GENNARI, 2002).



Sabe-se que a Revolução Zapatista de 1994 é um marco na história da luta indígena contemporânea e para os movimentos autonomistas que adentram a luta armada na América Latina. Para estes é uma luta justa e que se sustenta há anos. (GENNARI, 2002).

No Brasil, os indígenas vêm passando por sua maior crise dos últimos séculos por causa do avanço dos garimpos e da tentativa do governo de extrema direita, que estava no poder de 2018 a 2022, de legalizar a exploração dos recursos da floresta em que criaram uma coalização entre Estado, Mercado e Exploração Ilegal da floresta. Além de seguidos assassinatos, extorsão e perseguição aos povos indígenas por pistoleiros e garimpos.

Dentro desse cenário, se faz cada vez mais necessário entendermos a revolução Zapatista contemporânea e suas motivações, bem como trazer estudos e pesquisas para, assim, podermos contribuir com as resoluções e lutas dentro do território nacional Brasileiro.

Deste modo, este trabalho se justifica como forma de trazer à tona as estratégias, coragem e versatilidade de um povo que não é diferente dos nossos povos indígenas e que lutam contra os mesmos adversários do nosso povo neste momento. Além de revitalizar os estudos sobre o a luta ambiental, indígena e autônoma, este trabalho contribui para os debates da História da Imprensa e a História dos Povos indígenas da América, dentro da abordagem da Nova História Política.

Neste cenário, procuramos investigar qual a abordagem de um dos principais meios de comunicação do país, o *Jornal Folha de São Paulo*, sobre esta legítima Revolução, para entender como esta mídia tratou, em um ano de Copa do Mundo, de crises políticas e de debates sobre a reforma agrária, com este tema tão relevante na América.

A imprensa tentou abafar a Revolução para não influenciar e fomentar ainda mais os debates no país? Ela se utilizou da versão do governo Mexicano e da narrativa da NAFTA, o mesmo governo que assassinou diversos indígenas e camponeses? Ou o jornal *Folha de São Paulo* exaltou a Revolução, mostrando a versão de milhares de trabalhadores, camponeses, indígenas e pobres que reivindicam democracia e igualdade para todo o território Mexicano?

Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo central realizar o levantamento das



notícias e analisar o discurso da *Folha de São Paulo* de como ela relatou os acontecimentos da Revolução Zapatista durante o ano de 1994, ano esse em que se iniciou a Revolução, até 1996, o ano em que o Governo Mexicano foi até a floresta de Chiapas e sentou-se junto às lideranças Zapatistas e negociaram um acordo.

Deste modo, os objetivos específicos traçados foram: caracterizar o conceito de movimentos populares e revolução no contexto do levante Zapatista em 1994 em Chiapas/México; verificar, pela mídia, como são apresentados os indígenas, camponeses e demais participantes do levante Zapatista de Chiapas de 1994; e analisar o discurso do jornal *Folha de São Paulo* em relação e este levante.

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo, com o intuito de analisar e investigar os recortes e denúncias do genocídio no Jornal *Folha de São Paulo*, buscando compreender as representações e investigar a imagem criada por meio do discurso desta mídia. Para tanto, foram definidas as fontes de modo a atender os objetivos propostos. Assim foram consultados: Luca (2008 e 2020), Leite (2015), Cruz e Peixoto (2007).

A abordagem historiográfica que embasa este artigo está centrada na Nova História Política, pois esta nova visão política busca ir além das narrativas tradicionais centradas em personalidades, explorando as relações de poder, ideologias entre as instituições e diferentes grupos sociais. Esta abordagem procura examinar as complexidades das interações sociais e políticas que moldam as trajetórias históricas (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

Em relação às fontes, analisou-se a imprensa. A imprensa escrita e impressa era a principal forma de circulação de informação no final do século XX, principalmente quando relacionada aos eventos dos conflitos da nossa vizinhança na América Latina. Portanto, para esta pesquisa foram utilizados como fonte o periódico *Folha de São Paulo*, no Brasil, no ano de 1994, possibilitando a compreensão dos relatos sobre a Revolução Zapatista da EZLN.

DESENVOLVIMENTO

- “Você disse... zapatista...?!? Que bicho é este?”

Nádia sacode a cabeça e, emitindo um longo suspiro, procura colocar cada coisa em seu devido lugar:



- “Zapatista vem de Emiliano Zapata, um dos líderes da revolução que varreu o México a partir de 1910. É a memória e o espírito de rebeldia deste homem que indígenas e guerrilheiros vão incorporar à sua luta contra os poderosos. Mas vamos por partes. Nas origens do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) está a geração que participa dos movimentos que marcam o final da década de 60 (GENNARI, 2010, p. 10).

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é um grupo insurgente e um movimento político-militar que surgiu no estado mexicano de Chiapas. É conhecido por suas raízes de luta pelos direitos dos povos indígenas, por justiça social e contra as desigualdades econômicas no México. O nome Zapatista é uma homenagem a Emiliano Zapata, um líder revolucionário mexicano que desempenhou papel fundamental durante a Revolução Mexicana do século XX. Era conhecido por sua luta a favor da reforma agrária e pelos direitos dos camponeses.

Já os zapatistas modernos, liderados pelo misterioso Subcomandante Marcos, adotaram o nome e muitos ideais de Emiliano Zapata, principalmente na luta contra a pobreza, a exploração e a marginalização dos povos indígenas mexicanos.

Com as asas atrás das costas, Nádia espera pacientemente que o cafezinho e a breve espreguiçada do seu secretário ajudem a sacudir os neurônios mais preguiçosos. [...] Recuperado, o corpo reassume o seu lugar e o estalar dos dedos sinaliza que está se aproximando a hora de dar início a mais uma etapa da história do Exército Zapatista. Ao perceber que já pode começar, a coruja vira a cabeça em direção aos papéis e depois de um “Muito bem... vejamos...” traduz em palavras as imagens e os sons captados em sua longa viagem:

- “Como estava dizendo, no amanhecer do dia 1º de janeiro de 1994, o mundo se depara, atônito, com as notícias que chegam do México. Homens e mulheres com o rosto coberto ocupam, de armas em punho, as cidades de San Cristóbal de Las Casas, Altamirano, Las Margaritas, Oxchuc, Huixtán, Chanal e Ocosingo. Seu gesto inesperado, de um lado, azeda os banquetes das elites que, no mesmo dia, celebram a entrada em vigor do NAFTA e, de outro, reacende em muitos o desejo de lutar por uma nova sociedade (GENNARI, p. 11, 2010)

Em 1º de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional iniciou uma rebelião armada no Estado de Chiapas, no sul do México. Liderados pelo Subcomandante Marcos, o dia do levante foi escolhido justamente por ser a data em que se iniciaria o Acordo do Livre Comércio da América do Norte, o NAFTA, que trazia em



seu arcabouço políticas neoliberais que acarretariam em pobreza, desigualdade e exploração das comunidades indígenas.

E é sobre esse fato histórico de 1994 que este trabalho se debruça com a finalidade de observar como o periódico Folha de São Paulo veiculou as informações sobre o levante zapatista comandado pelo Subcomandante Marcos.

Os eventos históricos podem ser retratados de diversas maneiras. Entre elas, os artigos jornalísticos se apresentam como forma de demonstrar os acontecimentos e as múltiplas perspectivas de modo síncrono, em que os acontecimentos e seus relatos ocorrem simultaneamente e apresentam tanto a imagem criada quando de sua veiculação quanto para onde a informação foi levada. Os jornais enquanto fontes apresentam a perspectiva disseminada pelos meios de comunicação, como sugere Luca (2008, p.19):

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir.

Deste modo, foi realizada inicialmente a seleção dos periódicos a serem utilizados como fontes para a pesquisa, levando em consideração suas nacionalidades e públicos, ressaltando seu contexto histórico e compreendendo seus temas e linguagem. Assim, foi trabalhado o periódico em suas particularidades *Folha de São Paulo*.

De acordo com Moreira (2006), a *Folha de São Paulo* foi fundada em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha, produzindo três edições: a Folha da Manhã, da Tarde (relançada em 1967) e da Noite. Em março de 1945,

o controle acionário passou para José Nabantino Ramos. Foi adotada a imparcialidade como política redacional. Os jornais, feitos para a classe média, defendiam o ensino público. [...] Sobre esse período, Ribeiro, 1994, afirma: adotaram [as Folhas] propostas tão vagas como neutralidade, apartidarismo, imparcialidade e defesa intransigente do regime democrático. A Folha da Manhã de 9 de dezembro de 1945 preconizava: teremos que ficar no centro, é verdade, mas olhando para a esquerda e dando-lhe mil atenções. (RIBEIRO, 1994, p. 58 *apud* Moreira, 2006, p. 85-86).



Já, a partir de 1960, as três foram lançadas apenas como Folha de São Paulo. E foi a partir de 1962 que Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle da empresa Folha da Manhã (MOREIRA, 2006).

Em 19 de fevereiro de 2011 a Folha assumiu ter colaborado editorialmente com a ditadura civil-militar, afirmando ter se limitado a veicular críticas raras e pontuais ao regime e acatando as proibições temáticas da censura. Mas sua colaboração junto aos militares também foi mais direta, principalmente a partir de 1969, quando a redação da *Folha da Tarde* foi entregue a jornalistas, alguns deles policiais, entusiastas da repressão à luta armada e que publicavam notícias de exaltação às operações militares (PILAGALLO, 2011).

A Digitalização dos periódicos se inicia em 1993, o ano que antecede os acontecimentos do levante Zapatista da EZLN e, segundo *o Folha Online*, o Banco de Dados da Folha instala uma rede de computadores para armazenar todos os textos publicados pela *Folha*, que podem ser consultados pelos jornalistas nas telas dos terminais. Assim, para podermos ter dimensão da importância do Jornal, Pilagallo (2011) aponta que, em 1993, os três jornais do grupo atingem uma circulação média diária de 560 mil exemplares e seu parque gráfico é o maior da América Latina para a impressão de jornais.

Diante desta breve apresentação do periódico, ficou estabelecida a fonte, assim, iniciou-se a análise, compreendendo a imprensa como forma de veiculação de informação. “Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258), principalmente quando incorporada no contexto internacional e do período em que está inserida. Para o entendimento de sua participação ativa por meio da divulgação dos eventos, “os jornais não apenas podem fornecer dados sobre as sociedades do passado, mas também comentam e participam da História, dos processos e conjunturas.

Deste modo, pretendeu-se apresentar o periódico e os relatos dos acontecimentos por suas múltiplas perspectivas e as interrelacionando, ressaltando seus conceitos sociais, políticos e culturais, (LUCA, 2020, p.132).



O método de coleta, tabulação e análise de dados e temas foi dividido em duas etapas. Inicialmente, deu-se o enfoque na identificação do período, por meio de suas informações básicas e modelo de periodicidade. Em seguida, na segunda etapa, realizou-se a análise das particularidades internas do jornal, desde sua produção e distribuição até seu posicionamento político (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 269), aqui se insere a análise de discurso que, em conjunto com a primeira etapa, concluiu uma breve análise do periódico.

São Paulo, segunda-feira, 21 de fevereiro de 1994. Indicar a edição ou número.

México começa negociações com rebeldes zapatistas em Chiapas

DAS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

Começa hoje em San Cristobal de Las Casas (sul) a negociação entre os guerrilheiros indígenas do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e o governo mexicano.

Os primeiros nove negociadores zapatistas –entre eles o líder conhecido por subcomandante Marcos– chegaram à catedral de San Cristobal ontem à tarde, vestindo máscaras pretas.

Eles se encontraram na selva com o representante do governo, o ministro das Relações Exteriores, Manuel Camacho Solis, e o mediador do conflito, o bispo de Chiapas, Samuel Roriz, e foram escoltados até o centro da cidade. O primeiro grupo foi aplaudido ao chegar. Outros dois deveriam chegar à cidade ontem.

A revolta armada dos zapatistas começou na madrugada de 1º de janeiro. Até então desconhecido, o grupo dominou seis cidades do Estado sulino de Chiapas –o mais pobre do país– se dizendo defensor dos direitos dos indígenas.

Declararam guerra ao Nafta (tratado de livre comércio entre México, EUA e Canadá, que entrou em vigor em 1º de janeiro) e ao governo do presidente Carlos Salinas de Gortari, exigindo eleições limpas.

Houve repressão do Exército, acusado de violar direitos dos rebeldes. Pelo menos 100 pessoas morreram nos combates, embora a oposição afirme



que o número ultrapassa 500. Um cessar-fogo vigora desde 17 de janeiro.

"Não há estrangeiros, não temos armas, não temos dinheiro. Sou um mito genial", disse Marcos ao diário "El Financiero". Ele é apontado como o líder e porta-voz da rebelião, por causa de suas cartas à imprensa.

Nesta reportagem de fevereiro de 1994, um mês após o levante zapatista, a reportagem parece adotar um tom mais neutro ao relatar o início das negociações entre os zapatistas e o governo mexicano. O texto diz que os zapatistas se dizem defensores dos direitos indígenas e ao citarem uma fala do Subcomandante Marcos, mostra-se a intenção em humanizar o grupo.

Outro ponto nesta reportagem trazida pelo jornal *Folha de São Paulo* é que não há autoria específica de algum jornalista, apenas menção à Agência Internacional, de onde dá-se a entender que a notícia foi retirada. Porém, ao republicar a notícia entende-se que o intuito foi informar sobre o levante sem fazer pré-julgamentos.

São Paulo, domingo, 23 de outubro de 1994

Crise começou com a rebelião em Chiapas

DA REDAÇÃO

Uma rebelião indígena armada no Estado mais pobre do país e o assassinato de dois dos mais altos dirigentes do PRI, partido que governa o México desde 1929, jogaram o país numa crise sem precedentes em 1994.

A crise começou na madrugada de 1º de janeiro, quando o até então desconhecido Exército Zapatista de Libertação Nacional atacou em seis cidades de Chiapas.

O EZLN declarou guerra ao Nafta, exigiu a renúncia do governo de Carlos Salinas de Gortari e realização imediata de reformas no sistema eleitoral.

A repressão do governo deixou cerca de 150 mortos, de acordo com dados oficiais. Houve diversas denúncias de massacres e excessos por parte do Exército e pressões de fazendeiros locais



contra o bispo local, que atuou como mediador de conversações entre os guerrilheiros liderados pelo "subcomandante Marcos" e o governo.

Em 23 de março, o candidato do PRI à Presidência, Luis Donaldo Colosio, foi assassinado a tiros durante um comício em Tijuana, cidade na fronteira com os EUA.

Apesar da prisão do autor dos disparos e das suspeitas de um complô, nada foi provado.

O substituto de Colosio, o ex-ministro e ex-chefe da campanha Ernesto Zedillo, foi eleito presidente em 21 de agosto. Ao contrário de eleições anteriores, não houve acusações de fraude generalizada contra a vitória do PRI.

Em 28 de setembro, o secretário-geral do partido, José Francisco Ruiz Massieu, foi morto com um tiro no pescoço em pleno dia, quando saía de um hotel no centro da Cidade do México onde havia se reunido com deputados. O autor do disparo foi preso em flagrante.

Ruiz já havia sido indicado para ser o líder da bancada priista no novo Congresso. Tanto ele como Colosio eram contados entre os políticos reformadores do PRI. Nos dois casos, tanto os "dinossauros" do partido como os cartéis do narcotráfico apareceram entre os suspeitos.

Um assessor do deputado Manuel Muñoz Rocha, do PRI, foi preso e confessou participação no planejamento do crime. Outros parlamentares do partido estariam entre os envolvidos. Entre os suspeitos também haveria pessoas ligadas ao narcotráfico.



De acordo com a reportagem veiculada pela *Folha de SP*, o levante zapatista contra a exploração e miséria dos povos indígenas foi denominado de rebelião, que tem como significado a atitude de rebeldia contra autoridade legitimamente eleita e aponta este fato histórico como responsável por jogar o México em uma crise sem precedentes, ou seja, os culpados dos problemas econômicos e sociais que teriam se iniciado naquele momento eram os indígenas.

Nesta reportagem, diferente da primeira, a autoria já não vem de agência do exterior, mas sim da própria redação da *Folha*, que mesmo sendo sem identidade de determinado jornalista, traz já uma análise mais tendenciosa culpando o povos do levante pela crise do país, conforme pode-se observar no começo da reportagem. Desta maneira, pode-se concluir que a publicação mostrou sua tendência conservadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Levante Zapatista de 1994, que teve como líder o Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN, com seu Subcomandante Marcos, teve um significativo impacto tanto no México quanto em outros países, principalmente por declarar guerra ao NAFTA com suas políticas neoliberais e trazer visibilidade à luta indígena na América Latina. Outro ponto observado foi que este impacto ao chamar atenção para as questões sociais e econômicas e estimular o ativismo indígena, teve efeito duradouro e tem reverberado até os dias de hoje.

Em relação às reportagens do jornal *Folha de SP*, pode-se observar que em ambas as reportagens é possível notar que enquanto a primeira não parece tomar uma posição clara sobre os zapatistas, a segunda apresenta uma inclinação para apresentar uma posição negativa sobre o grupo liderado pelo Subcomandante Marcos.

REFERÊNCIAS



CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997

CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. **Na oficina do historiador**: conversas sobre História e Imprensa. São Paulo, 2007, Projeto História, n. 35.

EXÉRCITO Zapatista de Libertação Nacional completa 40 anos: aqui estamos, em resistência e rebeldia. **Brasil de Fato**, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/11/17/exercito-zapatista-de-libertacao-nacional-completa-40-anos-aqui-estamos-em-resistencia-e-rebeldia>>. Acesso em 7 out. 2023.

Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 23 de outubro de 1994. Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/10/23/mundo/13.html>>. Acesso em 02 abr. 2022.

Folha de São Paulo, São Paulo, segunda-feira, 21 de fevereiro de 1994. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/2/21/mundo/7.html>>. Acesso em 28 mar. 2022.

GENNARI, Emilio. **Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 2002.

GENNARI, Emilio. **EZLN**: passos de uma rebeldia. 2010. Disponível em: <<https://sinasefeifmg.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/07/EZLN-passos-de-uma-rebeldia-3%C2%AA-Edic%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 01 ago. 2023.

LEITE, C. H. F. Teoria, Metodologia e Possibilidades: Os jornais como fontes e objeto de pesquisa histórica, **Escritas**, Tocantins, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015.

LUCA, T. R. Fontes Impressas. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, T. R. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **As Sete Peças Soltas do Quebra-Cabeças Mundial**. O neoliberalismo como um quebra-cabeças: a inútil unidade mundial que fragmenta e destrói nações. São Paulo: Editora Terra Sem Amos, 2020.

MOREIRA, F. B. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 dez. 2023.

PILAGALLO, O. **Os 90 anos da Folha em 9 atos**. São Paulo: Folha de S.P., 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877777-os-90-anos-da-folha-em-9-atos.shtml>>. Acesso em 02 jul. 2023.

**Encontro de
Pesquisa em História:
40 Anos do NUPHIS**



**04 a 06
dezembro**



**Evento
Presencial**



Faça sua
inscrição no
nosso site!

